

SOCIUS Working Papers

Kachia Téchio

**"Imigrantes brasileiros
não documentados:
Uma análise comparativa entre Lisboa e Madri "**

Nº 1/2006

**SOCIUS - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das
Organizações
Instituto Superior de Economia e Gestão
Universidade Técnica de Lisboa
Rua Miguel Lupi, 20
1249-078 Lisboa
Tel. 21 3951787 Fax:21 3951783
E-mail: socius@iseg.utl.pt**

Web Page: <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/index.htm>

Imigrantes brasileiros não documentados: Uma análise comparativa entre Lisboa e Madri

Kachia Téchio *

Deus não é do PT. Deus não é democrático
Ele disse numa passagem da bíblia
'inútil te será trabalhar dia e noite, porque Deus,
àqueles a quem ele ama, ele dá enquanto dormem'
Rubem Alves¹

Deus é brasileiro
Dito popular

Este texto procura analisar as condições laborais dos imigrantes brasileiros não documentados residentes em Lisboa, Portugal, e em Madri, Espanha. Na primeira parte do texto apresentam-se, através da análise dos dados recolhidos em Lisboa e Madri, características inerentes a situação destes imigrantes, buscando-se fazer uma análise comparativa de fatores demográficos, sociais e económicos entre as duas capitais. Será, também, explicitada a metodologia que esteve na base da recolha destes dados. Na segunda parte registram-se os problemas que permeiam a vida profissional destes trabalhadores, decorrentes, em parte, de sua situação como imigrantes não documentados, e reforçados pela ausência de associações representativas ou organizações trabalhistas que os incluam em suas agendas de discussão, levando em muitos casos a situações extremas de humilhação laboral. Analisa-se como estes indivíduos, aqui chamados de 'trabalhadores invisíveis', fazem uso do compartilhamento de conhecimentos para criar redes de confiança, que lhes garantam um mínimo de segurança e os auxiliem a movimentar-se num contexto sem 'movimentos sociais', sem 'sindicalismo de solidariedade global' e ainda sem representações do 'novo internacionalismo operário'.

Palavras-chave: imigração brasileira, imigrantes não documentados, internacionalismo operário, migrações internacionais, sindicalismo

Introdução

Os processos de transformação económica e social parecem exigir dos indivíduos a apropriação de novos instrumentos, procedimentos e articulações capazes de criar condições favoráveis que auxiliem as comunidades locais, e os sujeitos que

* CEMME (Centro de Estudos de Migrações e Minorias Étnicas), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. E-mail: kachia@alunos.fcsh.unl.pt.

¹ Rubem Alves em entrevista ao Programa Jô Soares, GNT, 18.07.2005.

vivem em suas periferias, a lidar com os desafios da sociedade globalizada. Um dos ‘desafios’ que se coloca para, o que quer que signifique, esta ‘sociedade globalizada’ refere-se aos trabalhadores migrantes indocumentados, geralmente pouco qualificados, provenientes de áreas excluídas do curso da sociedade global (Castles, 2005). O seu aparente isolamento perante o capitalismo global é promovido fortemente pela ausência de organizações, de sindicatos, pela ausência de estabilidade laboral e contratual e por seu caráter de extrema flexibilidade e mobilidade profissional.

Ainda, a fronteira entre ‘ilegal’ e ‘legal’ aplicada aos trabalhadores imigrantes não documentados é bastante ténue, e contém uma elevada propensão a marginalização e estereotipização negativa, elevando ‘muros’ que dificultam futuras ações de emancipação social. Castles (2005) aponta que ‘será cada vez mais difícil distinguir entre as migrações económicas e as migrações forçadas: são as mesmas causas gerais que conduzem ao colapso das economias e ao falhanço dos Estados.’²

Esta migração de trabalhadores com baixas qualificações é vital, pois ‘as necessidades de consumo de bens luxuosos por parte das elites criam a procura de novos exércitos de trabalhadores com baixas qualificações para a construção, para a indústria do vestuário, para o processamento de alimentos e para os serviços.(...) mas, é normalmente rejeitada, hoje em dia, por ser considerada economicamente desnecessária e socialmente perigosa’ (Castles,2005, p.58). Este mesmo autor aponta ainda que

as migrações de trabalhadores com fracas qualificações foi crucial para o desenvolvimento industrial após 1954 na maioria dos países ricos (...) Os países recém industrializados continuam a importar mão-de-obra não-qualificada, frequentemente para a indústria da construção e para as plantações. No entanto, este recrutamento assume a forma de utilização sistemática de migrantes ilegais ou de pessoas em busca de asilo, cuja privação de direitos facilita a sua exploração. É pois, uma das grandes ficções da nossa era que a ‘nova economia’ já não necessitaria de trabalhadores desqualificados. (Castles,2005,p.59)

Para Papastergiadis (2000) a migração continuará a ser uma força dinâmica na constituição das sociedades modernas e suscitará fluxos turbulentos de pessoas com padrões de circulação que contrariam e atravessam as necessidades económicas e as medidas políticas. Novamente, Castles (2005,p.70) afirma que ‘a migração motivada

² Ao falar das migrações forçadas Castles aponta que ‘o conceito de diáspora remonta a tempos antigos, quando era usado para designar povos deslocados ou dispersos pela força (como os judeus ou os escravos africanos levados para o Novo Mundo), mas também se tem aplicado para designar grupos de comerciantes (os gregos na Ásia Ocidental e em África ou os negociantes árabes que levaram o Islão ao Sudeste asiático) e trabalhadores imigrantes (os indianos no Império Britânico; os italianos a partir de 1860)’. (Cohen 1997, apud Castles, 2005,p.68).

pela procura de trabalho surgirá como única solução para milhares de pessoas’.

Nesse cenário, onde se inter cruzam a complexidade dos processos de tomada de decisão, a necessidade de manutenção da produtividade das famílias, a deterioração ou inexistência dos direitos laborais para os imigrantes não documentados, revela-se o imenso desafio que se coloca a qualquer proposta de emancipação social, de um novo internacionalismo operário (Santos, 2004, p. 17) ou de um novo sindicalismo de solidariedade global (Waterman apud Santos, 2004, p. 364).

No que se refere ao contexto específico da Europa do Sul, objeto deste texto, a passagem da emigração para a imigração, segundo King & Ribas (2005), é resultado de três tendências: o rápido declínio da emigração nos anos 70³; a migração de regresso no pós guerra e a associada à descolonização⁴ e às mudanças políticas; e o rápido desenvolvimento dos fluxos de imigração, que encontraram os governos mal preparados em termos de formulação de políticas coerentes para fazerem face ao fluxo⁵ (King e Ribas, 2005).

A imigração indocumentada, na atualidade, torna-se tanto maior quanto mais generalizada for a presença de atividades ‘informais’, ou economia subterrânea, como é também o caso dos países da Europa do Sul, em particular Portugal e Espanha. De uma forma simples, os imigrantes chegam a estas regiões porque há oportunidades de trabalho específicas, geralmente trabalhos indesejáveis, mal remunerados, insalubres, perigosos e rejeitados pelos trabalhadores nacionais, com salários inferiores aos pagos no mesmo local por trabalhos equivalentes, mas que, porém, são superiores aos que estes imigrantes possuíam no país de origem, promovendo uma melhoria nas suas vidas e nas vidas de suas famílias no país de origem (King e Ribas, 2005). Esta interrelação entre os espaços economicos e sociais, derivada dos processos de globalização, realça as desigualdades entre regiões do planeta e põe em causa a própria sobrevivência dos indivíduos (Santos, 2001).

³ ‘Em Portugal a emigração durou mais tempo, especialmente a emigração para a Suíça e para a Alemanha. A Espanha é vista como o mais ‘médio’ dos países do Sul da Europa no que diz respeito à dinâmica migratória dos últimos trinta anos’. (King e Ribas, 2005, p.198)

⁴ ‘Os Retornados portugueses depois das guerras coloniais em Angola e Moçambique no início e meados da década de 70. Em muitos destes casos de regresso, os ‘retornados’ não eram migrantes retornados em sentido estrito, pois tinham nascido no estrangeiro, como filhos do ‘império’ ou da ‘diáspora’. (King e Ribas, 2005, p.199)

⁵ ‘As medidas adotadas tem tido tendência a ser reactivas e cada vez mais associadas à política partidária interna. O principal meio de actuação político foi uma série de regularizações ad hoc, que tiveram início em Espanha e Itália em meados da década de 1980’. (King e Ribas, 2005,p.204)

Nos países da Europa do Sul tem sido verificada uma tensão social latente, colocando de um lado a necessidade económica e demográfica da imigração e, do outro, uma reação por vezes negativa da opinião pública face aos imigrantes. É por causa destas atitudes negativas ou moderadamente negativas que a integração dos imigrantes indocumentados se torna, também, mais problemática. Os governos hesitam sempre em anunciar medidas generosas, com receio de prejuízos eleitorais (Cornelius, 2004).

As políticas restritivas face a imigração, existentes nestes países, resultam também das pressões da União Europeia, que não pretende que as suas ‘fronteiras externas’ se tornem mais permeáveis. Também por isto, as políticas de integração de imigrantes indocumentados apresentam sempre objetivos limitados. As várias operações de regularização de imigrantes não tem sido muito efetivas, ou porque muitos imigrantes não se candidatam, ou porque os estatutos legais conferidos são precários, e vários dos migrantes voltam a cair na ilegalidade (Calavita, 2004).

Ainda, Calavita (2004) ao falar acerca das políticas de imigração em Itália e, em particular, da dificuldade que tem havido de regularizar os indocumentados - pois normalmente a quantidade de imigrantes que recorrem aos processos de regularização é menor do que o volume daqueles que se estimam estar em situação irregular -, afirma

‘(...) pode ser precisamente esta função de trabalhadores ilegais numa economia ilegal que limita a capacidade para os regular e regularizar. Por outras palavras, as características que tornam os chamados imigrantes do Terceiro Mundo atrativos para alguns setores – a sua invisibilidade, marginalidade e vulnerabilidade – são exatamente as qualidades que tornam difícil controlar o seu emprego (através de sanções aos empregadores) ou legaliza-los (através de programas de regularização)’. (Calavita, 2004, p.363)

Este texto procura analisar as condições laborais dos imigrantes brasileiros não documentados residentes em Lisboa, Portugal e em Madri, Espanha. Na primeira parte deste texto apresentam-se, através da análise dos dados recolhidos em Lisboa e Madri, características inerentes a situação destes imigrantes, buscando-se fazer uma análise comparativa de fatores demográficos, sociais e económicos entre as duas capitais. Será, também, explicitada a metodologia que esteve na base da recolha destes dados. Na segunda parte registram-se os problemas que permeiam a vida profissional destes trabalhadores, decorrentes, em parte, de sua situação como imigrantes não documentados, e reforçados pela ausência de associações representativas ou organizações trabalhistas que os incluam em suas agendas de discussão, levando em muitos casos a situações extremas de humilhação laboral. Analisa-se como estes indivíduos, aqui chamados de ‘trabalhadores invisíveis’, fazem uso do

compartilhamento de conhecimentos para criar redes de confiança, que lhes garantam um mínimo de segurança e os auxiliem a movimentar-se num contexto sem ‘movimentos sociais’, sem ‘sindicalismo de solidariedade global’ e ainda sem representações do ‘novo internacionalismo operário’.

Metodologia

Ao me aproximar dos imigrantes brasileiros não documentados, buscando mapear seus diversos movimentos laborais fragmentados e provisórios, a opção quanto aos procedimentos já estava encaminhada. Num primeiro momento, só era possível trabalhar com técnicas qualitativas. Optei por iniciar os contatos com mulheres e, de início, não houve utilização de gravador, o que alterou significativamente a qualidade das relações estabelecidas, provocando mais proximidade entre pesquisadora e pesquisadas. Eu buscava saber como eram seus cotidianos e elas perguntavam-me se essa pesquisa poderia ajudar a melhorar as suas condições de trabalho e a de outros imigrantes brasileiros. A análise qualitativa, apresentada na segunda parte deste texto, é pautada nestas entrevistas, histórias de vida e observações participantes, realizadas em Portugal entre outubro de 2004 e julho de 2005, com seis mulheres, que possuíam baixo nível de formação escolar, pardas e negras, com idade entre 17 e 39 anos.

Após este período percebi que as histórias e situações tornavam-se comuns e senti necessidade de levantar alguns dados quantitativos para embasar os relatos.

Assim, as demais análises apresentadas neste texto, pautam-se na recolha de dados realizada, através de um questionário sócio demográfico, no mês de agosto de 2005 com trinta e um imigrantes não documentados na Grande Lisboa (Lisboa, Costa da Caparica e Setúbal), e no mês de setembro de 2005 com trinta e dois imigrantes, também não documentados, em Madri.

As amostras recolhidas não permitem generalizar para o universo de imigrantes indocumentados, cujo total é, aliás, desconhecido. Representam estudos de caso, mas que podem possuir um valor interpretativo importante acerca de uma realidade até hoje pouco estudada.

No que se refere à aplicação dos questionários, os encontros decorreram em várias circunstâncias. Os entrevistados dispunham-se a falar nos breves intervalos de descanso, durante as refeições, ora indo, ora voltando do trabalho, em onibus, praças e até na fila da embaixada brasileira de Madri. A entrevista, ganhando a rua, se tornava em momentos em que se presenciavam não apenas os fatos mas ‘a maneira de ser e de

pensar de outrora que se fixam dentro da memória’ (Halbwachs, 1990, p. 66). Assim, ‘as subjectividades emergem, fazendo com que a etnografia a ser realizada apresente conteúdos que vão além das interpretações dos significados dos fatos objectivos’ (Bernardo, 1998, p. 33).

A definição de “imigrante” está associada à deslocação de um indivíduo para um país diferente daquele onde nasceu e que é a sua residência habitual, por um período de tempo mínimo de um ano⁶. Porém, devido aos acordos entre países, às formações políticas alargadas e às respectivas políticas de imigração adoptadas, não são geralmente considerados imigrantes todos os indivíduos que vivem num país diferente daquele onde nasceram ou residiram habitualmente, mas somente os grupos, ou pessoas, que são socialmente percebidos como estrangeiros originários de países pobres à procura de trabalho e melhores condições de vida (Baganha & Góis, 1999).

Contexto: Lisboa e Madri

Segundo dados do SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, em 2003 residiam em Portugal cerca de 64.300 imigrantes brasileiros, dos quais perto de 26.600 com autorização de residência e cerca de 37.700 com autorização de permanência (www.sef.pt). A existência de muitos indocumentados justificou a necessidade de operações posteriores de regularização e explica que as estimativas de brasileiros em Portugal rondem os 100.000 indivíduos. Considerando apenas os detentores de autorizações de residência, cerca de 41,8% residiam no distrito de Lisboa e 5,9% no distrito de Setúbal. Não existem dados a este nível de desagregação para as autorizações de permanência. Mas sabe-se que a “segunda vaga” de imigrantes brasileiros, chegada a Portugal a partir de finais dos anos 90, e de onde têm resultado muitos imigrantes indocumentados, tem reforçado a concentração na Grande Lisboa (Casa do Brasil, 2004)

Coincidentemente, a maior concentração de brasileiros não documentados localiza-se na cidade de Setúbal, a 40km de Lisboa e na Costa da Caparica⁷. Esta, situada a vinte quilómetros de Lisboa, possui várias praias, é cortada por uma avenida larga com canteiro central onde se podem avistar coqueiros, lembrando vagamente uma paisagem brasileira. Um local de veraneio para os portugueses, que nos últimos anos

⁶ ONU (2002), International Migration Report

⁷ População de imigrantes brasileiros com contratos registrados para obtenção de autorização de permanência em 31.12.2001: Lisboa 12.715, Setúbal 3.639.

vem se transformando em cidade dormitório para imigrantes, tanto brasileiros, como africanos e de países do Leste, pois os aluguéis e custo de vida são menores que na capital.

Na Costa da Caparica há uma praça central onde facilmente se tropeça em brasileiros atendentes de mesa nas esplanadas, lanchonetes, frutarias, restaurantes, cafés e lojas. Ainda, os bancos da praça constituem ponto de encontro matinal para os ‘chapas’⁸. Ali, enquanto se aguarda pela sorte do dia, em ter ou não um trabalho, dividem-se histórias, esperanças, sonhos e, às vezes, timidamente, alguma musica batucada em caixas de fósforos e palmatórias.

O contato com eles é inicialmente delicado, pois qualquer aproximação pode representar alguém do SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Porém, ao perceberem tratar-se de uma ‘igual’, os receios dissipam-se e dão lugar a oportunidade de falar com alguém que está interessado em lhes ouvir. Para estes sujeitos esta situação é vista como novidade: ‘assim até me sinto gente’ - comentário de um dos entrevistados na roda de ‘chapas’ -, ao que seu colega retrucou: ‘olhe lá que tu tá ficando é importante sô!’ (risadas gerais). Dessa forma, construindo juntos um espaço de confiança, aberto para a troca de experiências, os entrevistados indicam seus amigos/conhecidos (outros não documentados) e a amostra vai ganhando corpo.

Padilla (2005) apontou que ‘las redes sociales son claves en la primera fase de incorporación o integración del inmigrante brasileiro a la sociedad portuguesa. La mayoría de los brasileiros no hubiera llegado a Portugal sin el apoyo de dichas redes, no hubiera conseguido empleo, y posiblemente, no hubiera conseguido lugar donde quedarse y vivir’. Confirmando os apontamentos da autora, verifiquei que na Costa da Caparica ou em Setúbal, quando se é um imigrante não documentado, para se obter mais rapidamente um trabalho é necessário, antes de mais, introduzir-se em uma das muitas redes sociais ali presentes; pode ser a rede dos futebolistas, dos estudantes, dos músicos, dos artistas, do jiu-jitsu, dos capoeiristas, do surf, ou a maior delas, a dos evangélicos. A fama de ‘malandragem’ do brasileiro é bastante desfavorável. Através destas redes, o futuro empregador adquire uma dose de ‘confiança’ no novo funcionário, propiciando-lhe uma oportunidade que posteriormente será avaliada pelo seu desempenho, mas que, inicialmente, não seria possível ocorrer.

⁸ Gíria brasileira utilizada para nomear homens que trabalham por dia ou a horas em qualquer tipo de trabalho, seja na construção civil, carregando ou descarregando caminhões, fazendo reparos em encanamentos, eletricidade, carpindo ou limpando terrenos, casas, etc.

Segundo dados da Embaixada Brasileira em Madri, em 2002, contavam-se 24.036 imigrantes brasileiros na Espanha. No ano seguinte somavam cerca de 30 mil, dos quais, segundo dados do Ministério do Interior da Espanha, apenas 18.146 tinham documentação legal. Em 2005, após o processo extraordinário de regularização, no qual foram legalizados 10.431 brasileiros, o número subiu para 50 mil, ficando cerca de 40 mil legalizados.⁹

A aproximação com os brasileiros em Madri foi feita de modo diverso. Embarquei no aeroporto de Lisboa rumo a Madri. Fiz assim o caminho inverso dos inúmeros imigrantes não documentados em Portugal, que entram na Europa através da capital espanhola sem dificuldades, pois ‘eles [autoridades espanholas do aeroporto] sabem que o destino final é Portugal, e assim não se importam, deixam a gente passar na boa’. Eu já havia ouvido várias declarações de mulheres brasileiras, de que haviam chegado a Portugal ou a Espanha sem conhecer ninguém, que em alguns casos teriam até dormido em praças. Porém, confesso que tinha alguma dificuldade em perceber como isso era possível, como alguém poderia dispor totalmente de sua segurança. Assim, desembarquei as 14:30h¹⁰ no aeroporto espanhol, sem ter nenhum telefone, endereço ou contato prévio. Buscava de alguma forma vivenciar o que havia ouvido naqueles relatos, apesar de ter consciência que meu visto de estudos me livraria de maiores preocupações e, obviamente, sabendo que dispunha de dinheiro para me manter o tempo suficiente para a pesquisa, o que nem sempre ocorre com os imigrantes. Alguns entrevistados relataram imigrar com cem euros ou menos no bolso.

No aeroporto, com calma, pois minha única prioridade era encontrar um lugar seguro para passar a noite, dirigi-me para o balcão de informações, onde recebi, gratuitamente, mapas do metro e informações sobre a localização dos pontos centrais onde poderia encontrar hospedagem e localizar brasileiros: na Gran Via e no Sol. E, de fato, ao chegar na avenida Gran Via avistei um grupo de quatro rapazes com roupas sujas de tintas, carregados com latas e pincéis. Um deles vestia uma camiseta amarela da seleção brasileira. Aproximei-me, soube que os quatro eram indocumentados e meia hora depois, além de conseguir a indicação de uma hospedagem barata, também havia aprendido que, ali, os imigrantes se localizavam através dos pontos do metro. A Gran

⁹ Estes dados foram extraídos de <http://lusotopia.no.sapo.pt/indexBREmigrantes.html>. Porém, em entrevista, funcionário da embaixada brasileira de Madri informou estes mesmos dados, não podendo, no entanto, passá-los de forma oficial.

¹⁰ Escolhi chegar nesse horário por imaginar que teria a tarde toda para vivenciar minha ‘meia aventura’, antes de talvez precisar ligar a algum amigo e pedir indicações.

Via e o Sol são os pontos centrais onde se pode encontrar brasileiros trabalhando com construção civil, restauração e também nos pequenos hotéis. A embaixada fica no ponto Alonso Martínez. Em Artilleros, um tranquilo bairro residencial, encontram-se muitos brasileiros dividindo apartamentos de três quartos. Aos domingos a tarde no Estrecho pode-se participar de um bom pagode. Em Oporto está uma igreja evangélica com uma concentração de mais de cem membros brasileiros.

Em Madri, naquela tarde de segunda-feira, em plena avenida Gran Via, minha conversa com o grupo de jovens rapazes, trabalhadores da construção civil, terminou com um convite para conhecer a obra em que trabalhavam, um hotel com mais de cem quartos que seria inaugurado em poucos dias. No local encontrei outros brasileiros, todos trabalhando para um mesmo empregador: brasileiro ‘documentado e com domínio da língua’.

As relações estabelecem-se com relativa facilidade, obviamente também com superficialidade, através da origem no Brasil. Por exemplo, os sujeitos que encontrei inicialmente na rua eram de Curitiba, capital do Paraná. A maior parte de meus entrevistados na Espanha eram originários do sul, assim como eu. Dessa forma, estabeleceu-se uma empatia que mais tarde culminou num restaurante típico brasileiro, numa cena em que todos os presentes cantavam o hino riograndense¹¹

Como a aurora precursora,
Do Farol da divindade,
Foi o Vinte de Setembro,
O precursor da liberdade.

Mostremos valor constância,
Nesta ímpia e injusta guerra.
Sirvam nossas façanhas
De modelo à toda a terra,

Mas não basta p’ra ser livre
Ser forte, aguerrido e bravo
Povo que não tem virtude
Acaba por ser escravo

¹¹ Coincidentemente estive com este grupo no dia 20 de Setembro. Durante a entrevista eles se recordaram da Guerra dos Farrapos e fizeram questão de mostrar que tem orgulho do seu Estado cantando o hino riograndense. No Rio Grande do Sul de 14 a 20 de Setembro de cada ano, se comemora a Semana Farroupilha em homenagem à memória do Herói Farroupilha, com uma reunião de manifestações artístico-culturais chamada Mostra da Cultura Gaúcha. Este grupo de entrevistados informou estar se organizando em Madri o primeiro CTG – Centro de Tradições Gaúchas a ser inaugurado brevemente.

Neste restaurante só trabalham brasileiros, todos do sul. O proprietário comentou ter preferência para contratar seus conterrâneos gaúchos, por serem mais hábeis na lida com os pratos que a casa oferece: churrasco e todos seus acompanhamentos, inclusive feijoada, e por ser mais fácil lidar com eles: ‘o jeito é o mesmo, a cultura é a mesma’. Após um período de experiência, auxilia-os a proceder as legalizações.

Características dos imigrantes

Os aspectos do destino da imigração estão fortemente ligados a origem dos imigrantes no Brasil, como Santos (2004,2005) vem demonstrando em seus recentes estudos ao analisar as trajetórias geográficas dos imigrantes brasileiros residentes na região centro Portugal. No estudo de caso aqui referido, encontrei pontos de congruência que vem reafirmar a hipótese levantada por esta autora. Pode-se verificá-los no quadro dos registros de origem a seguir apresentados. Em Portugal 48,4% vem de Minas Gerais - destes 22,6% são de Governador Valadares e 12,9% de Belo Horizonte - e 16,1% de Goiás – Goiânia. Na Espanha 43,8% dos entrevistados vem do Paraná - destes 21,9% de Curitiba e 9,4%, respectivamente, de Maringa e Londrina. No sul, ainda temos 3,1% de Santa Catarina e 3,1% do Rio Grande do Sul.

Tabela 1 – Estado de origem no Brasil

	Lisboa		Madri	
	N	%	N	%
5 – Bahia	1	3,2	0	0
7 – Distrito Federal	1	3,2	1	3,1
8 – Espírito Santo	1	3,2	0	0
9-Goiás	5	16,1	5	15,6
11 –Mato Grosso	0	0	1	3,1
13 – Minas Gerais	15	48,4	1	3,1
16 –Parana	3	9,7	14	43,8
17 –Pernambuco	0	0	1	3,1
21 –Rio Grande do Sul	2	6,5	1	3,1
22 – Rondônia	0	0	3	9,4
24-Santa Catarina	0	0	1	3,1
25 –São Paulo	3	9,7	4	12,5
Total	31	100,0	32	100,0

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

A distribuição dos sexos parece muito diferenciada, com preponderância de mulheres em Espanha, com 56,3%, e 43,8% para homens. Portugal apresenta uma porcentagem de 61,3% para homens e 38,7% para mulheres. Esta variável, cruzada com a de ocupação, parece refletir maiores oportunidades de trabalho para homens em

Portugal, ligadas a construção civil, e para mulheres na Espanha, ligadas aos serviços domésticos, o que verificaremos adiante.

Tabela 2 - Sexo

	Lisboa		Madri	
	N	%	N	%
1-Feminino	12	38,7	14	43,8
2- Masculino	19	61,3	18	56,3
Total	31	100,0	32	100,0

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

O estado civil dos entrevistados concentra-se, em ambos os países, na categoria solteiro, sendo 71,0% em Portugal e 65,6% em Espanha. Porém, em Madri pude verificar nas entrevistas um elevado índice de sujeitos casados e com filhos abaixo de dois anos de idade. Segundo os entrevistados, após conseguirem os documentos, promovem a vinda de seus parceiros, realizando o matrimônio através da embaixada brasileira. Algumas mulheres encontravam-se ainda em período de maternidade e relataram que o sistema de saúde espanhol é excelente, tanto para a gestante quanto para os bebês, assim como o sistema educativo, sendo ambos gratuitos, levando os casais a sentirem-se confortáveis para prosseguir o desenvolvimento de suas vidas familiares de forma normal. O mesmo não se verifica em Portugal, mesmo entre os casais com documentos. Há uma ruptura nos planos familiares e a hipótese de ter filhos é relegada para o retorno ao Brasil, ou postergada indefinidamente.

Tabela 3 – Estado Civil

	Lisboa		Madri	
	N	%	N	%
1-Solteiro	22	71,0	21	65,5
2 – Casado	6	19,4	10	31,3
3 –Divorciado	3	9,7	1	3,1
Total	31	100,0	32	100,0

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

A faixa etária em Portugal concentra-se em 35,5% nos 18 a 25 anos e em 29,0% nos 26 a 30 anos, não sendo possível definir uma concentração, visto que a distribuição está bastante dispersa por todas as idades pontuais. Os imigrantes na Espanha encontram-se 37,5% nos 18 a 25 anos e 34,4% nos 26 a 30 anos; porém, observa-se uma forte concentração de 12,9% na idade pontual de 24 anos. A média para as idades nos dois países fica bastante próxima, sendo 29,42 anos para Portugal e 28,34 anos para

Espanha. As características de idade e estado civil sugerem uma típica vaga de imigração económica nos dois países.

Tabela 4 – Faixa Etária

	Lisboa		Madri	
	N	%	N	%
1-16 a 18	1	3,2	0	0
2 – 18 a 25	11	35,5	12	37,5
3- 26a 30	9	29,0	11	34,4
4-31 a 35	5	16,1	5	15,6
5-36 a 40	3	9,7	3	9,4
7 -46a 50	2	6,5	1	3,1
Total	31	100,0	32	100,00

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

Nesta pesquisa, os imigrantes entrevistados em Portugal apresentam total domínio da língua e 61,3% possuem um índice de formação escolar a nível médio completo. Na Espanha 71,9% dos entrevistados informaram compreender a língua e apenas 28,1% afirmaram ter domínio completo. Ocorre que 59,4% destes imigrantes possuem nível de formação escolar médio completo e 18,8% possuem graduação superior incompleta.

Estes dados revelam a maior escolarização dos imigrantes indocumentados que se dirigem a Espanha. Pode ainda inferir-se que o não domínio da língua não parece constituir problema para os imigrantes. O fato de possuírem formação escolar mais elevada levaria os indivíduos a perceber a possibilidade de obterem rapidamente esta aprendizagem.

Tabela 5 – Domínio da Língua

	Madri	
	N	%
1 – Fluente	9	28,1
2 –compreende	23	71,9
Total	32	100,00

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

Tabela 6 – Formação Escolar

	Lisboa		Madria	
	N	%	N	%
2- ensino fundamenta completo	2	6,5	0	0
3. ensino fundamental II incompleto	1	3,2	1	3,1
4- ensino fundamental II completo	5	16,1	4	12,5
5 – ensino médio incompleto	4	12,9	2	6,3
6 – ensinomédio comleto	19	61,3	19	59,4
7- ensino superior incompleto	0	0	6	18,8
Total	31	100,0	32	100,0

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

Os empresários em Portugal, sejam eles portugueses ou brasileiros, são bastante cuidadosos ao lidar com trabalhadores não documentados. Além de não haver um contrato formal, não fazem registros das horas trabalhadas; no período do verão não há folgas semanais e os valores pagos não incluem horas extras. Ainda, os pagamentos são realizados em moeda, ficando desta forma poucas possibilidades de comprovar os serviços prestados, a não ser pela ‘palavra’ dos trabalhadores, o que, no caso dos imigrantes não documentados, acaba valendo quase nada. Ainda, principalmente, na época do verão, o número de imigrantes eleva-se consideravelmente, renovando um estoque de mão de obra completamente vulnerável. Não irei aqui tratar das questões de sonegação de impostos, e outras, possivelmente praticadas pelos empregadores e dos consequentes prejuízos para o Estado Português.

As raras operações de verificação realizadas pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – SEF nunca chegam a surpreender nenhum empresário, pois antes que os inspetores cheguem os empregadores são, de alguma forma, informados e mandam os trabalhadores sem documentos para casa (informações resultantes do trabalho de campo na Costa da Caparica). Assim, os imigrantes não documentados agradecem as raras aparições do SEF, não porque esta entidade vá atenuar seus problemas, mas sim porque no dia em que fazem suas operações eles recebem uma inesperada ‘folga’.

Tabela 7 – Ocupação Principal

	Lisboa		Madria	
	N	%	N	%
1 – Empresários	2	6,5	0	0
5- Profissionais de nível técnico	1	3,2	1	3,1
10- Trabalhadores ligados ao comércio	7	22,6	2	6,2
11 – Trabalhadores no ramo da alimentação	3	9,7	6	18,8
12 – Trabalhadores no ramo de higiene, beleza e estética	3	9,7	0	0
13- Trabalhadores nos serviços domésticos, limpeza e segurança	2	6,5	9	28,1
14- Trabalhadores ligados ao entretenimento	1	3,2	1	3,1
15- trabalhadores ligados à construção civil	9	29,0	13	40,6
16 – Trabalhadores ligados a indústria pesada	2	6,5	0	0
19-	1	3,2	0	0
Total	31	100,0	32	100,0

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

No quadro da ocupação principal em Portugal, pode-se verificar que há uma concentração de trabalhadores na construção civil (29%) e nas atividades ligadas ao comércio (22,6%). No mesmo quadro para a Espanha encontramos 40,6% de trabalhadores ligados a construção civil, 28,1% de imigrantes ligados aos serviços domésticos e de limpeza e 18,8% ligados ao ramo de alimentação.

Quando se cruzam as variáveis ocupação e sexo observa-se nos dois países uma preponderância de homens ligados a construção civil; porém, em Espanha, surge uma preeminência de mulheres ligadas aos serviços domésticos. O que parece refletir o surgimento de mais oportunidades laborais específicas para mulheres em Espanha.

Tabela 8 – Ocupação X Sexo

	Lisboa			Madri		
	F	M	Total	F	M	Total
1 – Empresários	0	2	2			
5 – Profissionais de nível técnico	1	0	1	0	1	1
10 – Trabalhadores ligados ao comércio	6	1	7	2	0	2
11 – Trabalhadores no ramo de alimentação	2	1	3	2	4	6
12- Trabalhadores no ramo de higiene, beleza e estética	1	2	3	0	0	0
13- Trabalhadores no ramo dos serviços domésticos	1	1	2	9	0	9
14- Trabalhadores no ramo do entretenimento	1	0	1	1	0	1
15-Trabalhadores ligados a construção civil	0	9	9	0	13	13
16- Trabalhadores ligados a indústria pesada	0	2	2	0	0	0
19-Outras profissões sem qualificação	0	1	1	0	0	0
Total	12	19	31	14	18	32

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

A instabilidade e ausência contratual está refletida na inexistência de contratos laborais para 71,0% dos trabalhadores imigrantes não documentados em Portugal e 87,5% em Espanha, aprisionando-os num círculo de vulnerabilidade e relegando-os a invisibilidade sindical e associativa.

Tabela 9 – Contrato de trabalho

	Lisboa		Madri	
	N	%	N	%
1-Possui	9	29,0	4	12,5
2 –Não possui	22	71,0	28	87,5
Total	31	100,0	32	100,0

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

O período laboral praticado pelas pequenas e micro empresas em Portugal não se inscreve em parâmetros laborais adequados aos trabalhadores. Mesmo quando se inscreve, no caso dos trabalhadores imigrantes não documentados não se pratica. Encontram-se, principalmente nos meses de verão, indivíduos trabalhando dezasseis horas por dia, sete dias por semana, sem contrato, e, portanto, sem qualquer tipo de direito. Outros trabalham em mais de um emprego, perfazendo quase sempre as mesmas

dezesesseis horas diárias ou mais. Nos quadros abaixo pode-se fazer uma breve comparação entre os horários praticados em Portugal e na Espanha

Tabela 10 – Horas de trabalho (semana)

	Lisbon		Madrid	
	N	%	N	%
20 a 40	0	0	14	43,8
41a 60	13	41,9	15	46,9
61 a 80	14	45,2	1	3,1
81 a 100	4	12,9	0	0
Integral/interna*	0	0	2	6,3
	31	100,00	32	100,00

*Residem no local de trabalho.

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

Como se pode observar, na tabela acima, em Portugal há uma concentração de 45,2% dos entrevistados trabalhando entre 61 a 80 horas e 41,9% entre 41 a 60 horas semanais. Enquanto na Espanha encontramos uma concentração de 46,9% na faixa de 41 a 60 horas e surgem 43,8% dos entrevistados laborando entre 20 e 40 horas. Esta última faixa não aparece nos dados coletados em Portugal.

Ao confrontarmos os dados da ocupação dos imigrantes aqui entrevistados com a sua ocupação no país de origem, em conjunto com os dados da formação escolar, percebe-se a ‘desqualificação’ por que passam muitos dos imigrantes. Apesar de Padilla (2005) afirmar que ‘los brasileiros inmigrantes em Portugal llegados en los últimos tiempos, son inmigrantes de calificación intermedia, con menos calificaciones profesionales y académicas’, estes trabalhadores parecem encontrar-se, ainda assim, acima das médias de qualificação portuguesas. Os brasileiros chegados em Espanha, nos últimos tempos, possuem também maior qualificação profissional e maior formação escolar no país de origem. Verifica-se uma trajetória profissional momentaneamente descendente devida a migração e uma ruptura no processo formativo educacional, porém acompanhadas de aumento de rendimentos, o que justifica a migração.

Tabela 11 – Ocupação no país de origem (Brasil)

	Lisboa		Madri	
	N	%	N	%
1- Empresários	3	9,7	0	0
5-Profissionais de nível técnico	4	12,9	0	0
9- Trabalhadores na área administrativa	3	9,7	9	28,1
10- Trabalhadores ligados ao comércio	4	12,9	3	9,4
11 – Trabalhadores no ramo de alimentação			2	6,3
12- Trabalhadores no ramo de higiene, beleza e estética	4	12,9	0	0
13-Trabalhadores nos serviços domésticos	2	6,5		
15- Trabalhadores ligados a construção civil	4	12,9	2	6,3
16-Trabalhadores ligados a industria pesada	3	9,7	4	12,5
17- Trabalhadores de oficio	1	3,2	1	3,1
18- Trabalhadores ligados ao setor primário	1	3,2	1	3,1
19- Outras profissões sem qualificação	1	3,2	2	6,2
22-Estudantes	1	3,2	4	12,5
Total	31	100,0	32	100,00

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

A seguir, nos quadros de remuneração média mensal, verifica-se que os índices de Portugal se situam em 29,0% entre 401 a 600 euros e em 25,8% entre 601 a 800 euros. A Espanha apresenta uma concentração de 68,0% das remunerações entre 801 e 1000 euros. Ao calcular-se uma média entre as remunerações teremos 839,52 euros para Portugal e 843,75 euros para Espanha.

Tabela 12 – Remuneração média (mês)

	Lisbon		Madrid	
	N	%	N	%
1. até 400	2	6,5	0	0
2. 401 a 600	9	29,0	3	9,4
3. 601 a 800	8	25,8	2	6,3
4. 801 a 1000	3	9,7	22	68,8
5. 1001 a 1200	4	12,9	3	9,4
6. 1201 a 1400	2	6,5	1	3,1
7. 1401 a 1600	3	9,7	0	0
9. 1801 a 2000	0	0	1	3,1
Total	31	100,0	32	100,0

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

Ainda, ao verificar-se nos quadros de remuneração os entrevistados que em Portugal detêm maiores rendimentos – entre 1001 e 1600 euros -, observou-se que estes haviam migrado há entre 2,5 a 4 anos. Por seu lado, em Espanha os migrantes, que, na sua maioria, chegaram ao país há menos de um ano, obtêm claramente melhores remunerações em relação aos seus conterrâneos em Portugal. O que nos leva a concluir que os imigrantes não documentados em Espanha são melhor remunerados do que em Portugal, pois ainda no primeiro ano e sem domínio da língua conseguem inserir-se numa faixa salarial superior. Em Portugal, os imigrantes não documentados, apesar de terem domínio da língua, somente conseguem atingir um patamar salarial mais elevado após 2,5 anos. Esta melhoria é conseguida através do conhecimento que obtêm do funcionamento dos mecanismos do comércio. A maioria destes sujeitos, além de ter um trabalho mais estável, passa a operar como pequenos empreendedores, a terceirizar serviços na construção civil e, até mesmo, a ofertar trabalho a outros imigrantes.

Pode-se inferir, através do cruzamento destes três últimos quadros (atividade principal, remuneração e horas de trabalho), que as imigrantes mulheres residentes em Madri estão ligadas as atividades domésticas (baby sitter, empregada doméstica, passadeira), trabalham menos horas que suas compatriotas em Portugal ligadas as atividades do comércio, e, desta forma permanecem ocultas da fiscalização do governo espanhol, enquanto apreendem a língua, os costumes e buscam obter documentos. Na Espanha, ao obter documentos um imigrante pode responder a um simples anúncio de jornal e inserir-se formalmente no mercado de trabalho. No caso dos trabalhadores na construção civil isso significa libertar-se da dependência e exploração, também praticadas por empregadores brasileiros documentados.

Finalmente, no que diz respeito às razões da migração, 77,4% dos entrevistados

em Portugal apontaram motivos económicos como primeira razão da migração e uma continuidade em processos de migração familiar como segunda opção. Em Espanha, 71,9% dos entrevistados apontam como primeira razão da migração o fator económico, e como segunda razão 40,6% apontam a curiosidade em conhecer outro país, outra cultura, viver novas experiências e ampliar horizontes. Estas razões auxiliam a perceber um perfil diferenciado entre os imigrantes brasileiros residentes em Portugal e Espanha. Mesmo tendo a migração um caráter claramente económico, este fator parece não ser o ponto exclusivo de pressão no caso dos brasileiros que migram para Espanha.

Pode-se perceber esta ‘descompressão’ ao observar o quadro em que os entrevistados respondiam se consideravam seus objetivos atingidos. Em Portugal 51,6% dos questionados responderam considerar os objetivos não realizados e 48,4% consideraram apenas parcialmente realizados, enquanto em Espanha apenas 25% registraram que os objetivos não foram atingidos e uma maioria de 75% declarou ter seus objetivos parcialmente atingidos. Ponderando-se que 56% dos entrevistados em Espanha possuem menos de um ano de migração e em Portugal 61,3% migraram entre 1,1 e 3 anos, nota-se claramente uma melhor ‘qualidade de vida’ entre estes imigrantes.

Tabela 13 – Primeira razão da imigração

	Lisboa		Madri	
	N	%	N	%
2 – Imigração familiar	7	22,6	8	25,0
3 – Económica	24	77,4	23	71,9
6 – Ampliar horizontes	0	0	1	3,1
Total	32	100,0	32	100,0

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

Tabela 14 – Segunda razão da imigração

	Lisboa		Madri	
	N	%	N	%
1 – Perda de perspectivas	3	9,7	5	15,6
2-Imigração familiar	7	22,6	2	6,3
3-Economica	6	19,4	9	28,1
6- Ampliar horizontes	0	0	13	40,6
Total	16	51,6	29	90,6
N/R	15	48,4	3	9,4
Total	31	100,0	32	100,0

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

Tabela 15 – Objectivos Atingidos

	Lisboa		Madri	
	N	%	N	%
2-Parcialmente	15	48,4	24	75,0
3-Não foram atingidos	16	51,6	8	25,0
Total	31	100,0	32	100,0

Fonte: dados recolhidos pela autora, 2005.

Conhecimentos, novas tecnologias e redes sociais

Perante a percepção de uma aparente incapacidade em enfrentar os efeitos negativos do mercado globalizado, o compartilhamento do conhecimento apresenta-se aos ‘não documentados’ como uma alternativa promissora, particularmente em nível local, às estratégias tradicionais baseadas na ação centralizada do Estado e à inércia das associações e sindicatos.

Ao buscar-se pelas diferentes formas de socialização entre os imigrantes entrevistados, verificou-se a emergência no uso das novas tecnologias em dois pólos totalmente opostos. Em Portugal, 87,1% informam não possuir acesso a microcomputadores e 83,9% não utilizam a Internet, enquanto na Espanha 65,6% afirmam possuir acesso a microcomputadores e 84,4% utilizam a Internet com frequência para contatos locais e com o exterior. Este perfil ‘internauta’ encontrado nos imigrantes brasileiros em Espanha pode ter origem em dois fatores: os índices de formação escolar mais elevados e as ocupações destes indivíduos no país de origem.

Em Espanha os 84,4% de entrevistados utilizadores de Internet juntam-se a um sem fim de outros usuários e formam uma ‘comunidade virtual’ que se encontra, diariamente, para trocar diversas informações como: regularização, acesso a moradia, formas económicas de lazer, e, principalmente, acesso ao trabalho. Esta comunidade virtual se funde e interconecta com outras comunidades de brasileiros vivendo em outros países (Itália, Inglaterra, EUA, Portugal). Fazendo surgir o que se poderia chamar de comunidades virtuais transnacionais, um espaço onde se desenvolve uma nova forma de ‘humanização’ da experiência migratória. Um dos principais pontos de encontro utilizados por estes navegadores atualmente é o Orkut. A partir desta rede, os indivíduos residentes em uma mesma cidade podem marcar encontros e alterar o status, inicialmente virtual, do contato. Há uma eminente ‘sujeição ao desconhecido’ pautada na confiança gerada pela nacionalidade de origem.

Em face desta realidade, neste texto, considerou-se os imigrantes brasileiros não documentados como possíveis agentes de transformação social ao agirem em torno de

esquemas, que propiciam o compartilhamento do conhecimento, independentemente de tecnologias digitais, as quais nem todos tem acesso ou têm pouco acesso ¹². Deve ser levado em conta que “os indivíduos na sociedade moderno-contemporânea, mesmo nos locais e setores aparentemente mais isolados ou identificados com uma tradição cultural específica, transitam entre vários mundos, participam de experiências diversificadas em múltiplos planos da vida social e, assim, desempenham vários papéis sociais” (Velho, 2003, p. 42), participando no desenvolvimento de diversas redes sociais

Retratos de uma humilhação laboral: a nova estrutura social

o labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo,
mas a vida da espécie.
Arendt (2001)

Para Arendt (2001,p.21) ‘o trabalho e o seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano’. O trabalho realizado pelas imigrantes não documentadas é geralmente simples, servir mesas, atender em balcão, lavar, tirar lixo, varrer, entre outros. Tarefas simples, porém muito necessárias

eu nunca tinha feito isso, nunca tinha trabalhado fora de casa, mas aprendi rápido, aprendi mexer na chapa (dos hambúrgueres), limpar ‘sanita’ com ‘lixívia’. Só me apavorava quando tinha que ir atender mesa, não entendia o que eles falavam. Mas a gente se acostuma rápido. (Maria Luiza, parda, 29 anos)

no começo eu me atrapalhava muito com a bandeja, aquilo escorregava e eu tinha medo de derrubar em cima dos clientes, apoiava contra o peito mas não podia, ficava nervosa, e abrir garrafa de vinho então? Você já tentou abrir uma garrafa de vinho apoiada na bandeja no meio de um salão cheio de gente e barulho? [risos] só por Deus! Depois fui pegando o jeito, o resto era fácil, limpar chão, lavar louça isso eu sempre fiz. (Maria Helena, branca, 32 anos)

Em algum momento durante as entrevistas, ao falar do cotidiano nos diversos empregos que já tiveram em Portugal, chega a hora da consciência e do questionamento, a hora de pensar. A visão parece, momentaneamente, desembaçar, e as imagens de humilhações vividas preenchem o olhar.

Comecei trabalhar numa loja de calçados, fiquei três dias. O patrão me mandava subir e descer numa escadinha o tempo todo. Dizia que era pra eu ir vendo os sapatos e aprender. Acha que olhando sapato a gente aprende? Ele queria ficava era olhando minha bunda. (Maria Joana, branca, 17 anos)

¹² Téchio (2005), por exemplo, aponta para as redes de confiança formadas pelos imigrantes brasileiros evangélicos na Costa da Caparica.

Eu trabalho das quatro da tarde à meia noite. Já faz dez meses que to nesse emprego [uma lanchonete], logo no começo tava lavando a louça e o gerente passou por trás e me deu um tapa na bunda. Falei que não gostava daquilo. Ele disse que era coisa de ‘colega’ de trabalho. Falou imitando sotaque brasileiro. Me senti muito mal, humilhada. Mas não podia fazer nada. Continuei lavando a louça e não deu pra segurar, comecei a chorar. Um freguês também português que viu tudo chegou no balcão e disse ‘viu o que você fez? Pra quê fazer isso?’ aí o gerente ficou com raiva, resmungou que eu nem trabalhava direito, que brasileiro era tudo cheio de mania, de enrolar só pra não trabalhar. (Maria Luíza, parda, 29 anos)¹³

Eu começo as quatro da tarde na lanchonete até a meia noite, depois vou pro outro bar e fico até as sete da manhã. Nesse bar toda hora aparece um qualquer pra incomodar. Chega e diz ‘eu posso te fazer um favor e você pode me fazer um favor’. Acham que você tá ali trabalhando de se matar toda madrugada e ainda tem tempo pra isso. Na hora de folga só penso em dormir, nem comer dá vontade. (Maria Cândida, parda, 29 anos)

Trabalhei num escritório, o sujeito que me contratou era todo sorrisos, disse que ia me dar um contrato para conseguir o visto. Logo na primeira semana chegou no meio da tarde com uma garrafa de vinho e disse ‘esse vinho custou 16 euros, vamos beber na tua casa depois das seis’. Era um velho nojentão, tinha os dentes da frente tudo podre. Quando vinha fala comigo, chegava por trás e sempre colocava a mão no meu ombro, pior, era verão, parei de usar blusa de alcinha. Ele baixava a cabeça assim ao lado da minha, quase me beijava. Aguentei aquilo por três meses, ficava nervosa, ia no banheiro chorava e lavava a cara. Tinha dor de estômago, nem conseguia comer. Nos dias que ele viajava ou ia pra rua era um alívio. Todo dia chegava sorrindo como se aquilo fosse um namoro, dizia que tinha sonhado comigo e contava umas coisa nojentão, pedia se era verdade que toda brasileira era boa de cama. Depois como eu nunca aceitava ele começou se irritar, ficou grosseiro, quando eu pedia do contrato ele dizia que o contador não tinha feito, que pra semana saia e se atirava pra cima de mim de novo. Vi que nunca ia ter contrato e também já tava ficando doente, mesmo que tivesse contrato eu não ia aguentar aquilo. Já tava deprimida, quando encontrava meus amigos me arrepiava se encostassem em mim, chorava fácil. Graças a Deus minhas amiga viram o que eu tava passando e me ajudaram achar outro emprego de ajudante de cozinha. (Maria Rosa, negra, 32 anos)

A humilhação marca a face, o corpo, por imagens e palavras de rebaixamento. São mensagens atiradas em público, no trabalho, no supermercado, na praça. São palavras que penetram o ouvido e não abandonam o corpo do humilhado. As entrevistadas questionam perplexas: por que fui tratada assim?

A dor sentida não está no passado, ela é pulsante e mistura-se com o presente, com o agora e com o amanhã. Esta presente nas vozes ‘preciso ficar mais uns dois anos

¹³ Esta entrevistada é solteira e teve um bebê há oito meses. Foi ao Brasil e o deixou com a avó materna: ‘fui embora antes que não me deixassem, disse que ia até Madri ver uns documentos e de lá me mandei pro Brasil. Agora meu filho tá bem com minha mãe e eu voltei porque lá não ia ter condições de sustentar ele direito. Quase morro de saudades, cheiro uma fralda dele todas as noites’. Há vários relatos de mulheres brasileiras não documentadas que ao engravidar de um homem português são impedidas de viajar e não recebem ajuda financeira para sustentar a criança. Acabam por sofrer uma pressão para entregar a criança ao pai. Em outros casos optam por abortos caseiros.

até conseguir comprar uma casa pra gente ter um lugar nosso’, ‘ainda tenho que ficar até o final do ano, não tem jeito’, ‘tão cedo não posso voltar’.

Weil (1996) aponta que o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Nesse aspecto podemos propor a humilhação como efeito do desenraizamento, impedimento político da cultura de nascimento, da participação e das trocas culturais.

A experiência da humilhação marca o sujeito como um ferro em brasa, fere a percepção de si mesmo, fere a estima de si. É a imagem refletida no outro com distorção. Melhor seria, de fato, estar invisível, ‘dava graças a Deus se esquecesse que eu existo, nem me visse¹⁴’, apagado ao olhar do outro. Quem fica invisível para os outros em certa medida busca manter-se ainda mais invisível, numa última tentativa de evitar mais sofrimento. A invisibilidade compõe não tanto os sofrimentos gerais, sofrimentos de todos nós, quanto aqueles que estão no centro da alma imigrante/operária. Não deveríamos simplesmente vinculá-los aos males gerais de uma sociedade ‘moderna’, em que todo rosto é amortecido e vira máscara indiferente. Não haveria aí também, no núcleo de tudo, um conflito propriamente político, um conflito de classes?

Estanque (2005a, p.5) aponta: ‘é sabido que a classe deixou de ser ‘o’ determinante da acção colectiva, pois a realidade social tornou-se mais complexa e as novas clivagens dinamizadas em torno de fenómenos como a diferença sexual, étnica, racial, religiosa, etc, assumem-se hoje como campos de dinamização da identidade e da luta política que concorrem com a classe, embora geralmente se articulem com ela’. Este mesmo autor aponta ainda

Assistimos ao extraordinário aumento das situações de ‘atipicidade’ laboral, em larga medida resultantes da globalização económica, tais como o trabalho precário, a desregulamentação dos direitos laborais, o tráfico clandestino de mão-de-obra (migrações ilegais), o trabalho infantil, a pobreza, o desemprego e o subemprego, etc, os quais se situam na estreita interdependência entre trabalho/desemprego/família/comunidades, induzindo lógicas de localização não só sobre os sectores mais dependentes e explorados da força de trabalho, mas sobre todo um leque de categorias sociais onde prolifera a pobreza, a exclusão e a opressão – ou seja, aqueles que sofrem os efeitos dos globalismos localizados, segundo a formulação de Santos (1995:263). São grupos sociais deste tipo que podem conceber-se como integrando as subclasses locais. Subclasses porque à luz dos indicadores convencionais não possuem uma

¹⁴ Maria Rosa, 32 anos, ao relatar sobre sua experiência de trabalhar num escritório e ser diariamente assediada.

posição de classe bem definida, isto é estão fora ou ‘abaixo’ da classe trabalhadora tradicional. O caso dos trabalhadores migrantes, por exemplo (...) para além das bolsas de pobreza e marginalização que as migrações ilegais ajudam a consolidar, estes sectores da força de trabalho transnacional, pode dizer-se, não se globalizaram, antes foram ‘deslocalizados’ ficando regra geral mais baixos e territorialmente circunscritos.(Estanque, 2005 a, p. 5-6)

Maria José conta ainda que

chão limpo, louça lavada, mesas arrumadas e atendidas.... Se isso tá bem feito, se o trabalho que tinha que ser feito, tá feito, e bem feito! que diferença faz se tenho ou não documento? Se sou branca ou negra? Gorda ou magra? Eles precisam da gente, precisam que a gente trabalhe. Se tem brasileiro trabalhando aqui é porque falta português pra fazer esse tipo de trabalho. Então porque que não reconhecem? Porque tratam a gente pior que cachorro? É verdade mesmo, aqui na Costa tem muito cachorro com vida melhor que imigrante, porque eles moram dentro dos apartamentos com os donos e imigrante mora empilhado em quartos, nos barraco da mata e até em garagem (Maria José, parda, 39 anos)

A conjuntura formada por fatores como ser mulher, brasileira, negra ou parda, imigrante não documentado, com baixa escolaridade, mão-de-obra ‘não qualificada’, impede a ação, a mobilização social. A maioria desses indivíduos em Portugal sequer conhece a Acime ou a Casa do Brasil, ora porque estes órgãos estão em Lisboa, e estes sujeitos trabalham em horários dilatadíssimos, muitas vezes sem uma folga semanal [no verão é comum não terem folga e não podem reclamar, pois há sempre outro imigrante para substituí-los, ‘é pegar ou largar’], ora porque têm receio de serem denunciados. Assim, ou por não terem dinheiro para se deslocar até Lisboa, ou por não disporem de tempo, ou pelos inúmeros receios, constituem e reproduzem-se situações em que os imigrantes não documentados tornam-se ‘massa para canhão’. Uma massa ainda bastante distante de uma possível articulação social ou sindical.

Os desafios à acção social organizada

Coloca-se aqui um dos desafios ao novo internacionalismo operário, ‘a necessidade de promover um conhecimento crítico e actualizado sobre as conexões entre o trabalho e as desigualdades sociais’ (Estanque, 2005 a, p. 24), pois num contexto onde as TIC’s conferem grande visibilidade às práticas de exploração do trabalho, a situação dos imigrantes não documentados continua sob o véu da invisibilidade.

Castells (1999, p. 497) aponta que os grupos sociais mais poderosos adaptam-se de maneira cada vez melhor às novas condições da sociedade da informação, utilizando as novas potencialidades abertas pela globalização e pelo acesso às novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), em prol da consolidação de suas identidades grupais e do fortalecimento de sua capacidade de agir em um mundo cada vez mais

interdependente.

Essa situação, no entanto, contrasta fortemente com os processos de fragmentação e segmentação que se observam entre os setores sociais mais fragilizados da sociedade, particularmente no nível comunitário.

No contexto onde ocorre esta pesquisa encontram-se dois padrões de protagonistas: de um lado, os que tomam as decisões – governos, associações e sindicatos, e, do outro, os que são atingidos pelas decisões - trabalhadores nacionais ou não, documentados ou não, qualificados ou não, brancos ou não, indivíduos que formam a tal força de trabalho construtora de riquezas, a tal ‘massa para o canhão’ da globalização. Obviamente, este dualismo está demasiado simplista. Nem todos os que “tomam decisões” são tão activos, nem todos “os que são atingidos” são tão passivos. Isto é, havendo uma estrutura social subjacente à acção, alguns dos indivíduos que ocupam a “subclasse” (alvo de múltiplas exclusões - sexo, raça, etnia, classe) sentem muito maior exclusão do que outros.

Neste contexto de exclusão social, política e económica os indivíduos se apropriaram, mesmo que de forma intuitiva e não coordenada, de ferramentas que os habilitaram a gerir o conhecimento em prol de seus objetivos, criando uma rede de segurança em meio as inúmeras incertezas que permeia seu universo ‘excluído/imigrante/não documentado’. Esta apropriação tanto pode ocorrer através de redes sociais informais, de tipo tradicional, como através do recurso às novas tecnologias, como vimos no caso dos imigrantes em Espanha. Em ambos os casos, é a existência de laços de solidariedade e confiança que fortalece a acção.

Colocam-se, portanto, as seguintes questões: como a gestão do conhecimento pode ser explorada em um contexto de exclusão social e marginalização? Quais os ingredientes propulsores da mobilização de trabalhadores invisíveis para a condição de ativos e aptos a agir de maneira coletiva em prol do bem comum? Esta pesquisa encontra-se em estágio inicial, mas buscará, principalmente através da observação participativa, identificar estes pressupostos.

Cotidianamente crescem as dificuldades de intervenção nos locais de trabalho, assim como as incompreensões face às mudanças no sistema produtivo. A burocracia, a manutenção de formas de luta repetitivas e a despreocupação com a gestão do conhecimento entre os trabalhadores faz com que as associações e os sindicatos demorem a perceber a necessidade de abrir seu leque de reflexão e acção para as novas

formas de exploração do trabalho, propiciadas pela plural deslocalização do poder e crescente localização das consequências desse mesmo poder.

Uma das consequências da deslocalização acentuada dos poderes traduz-se no aumento da migração de trabalhadores. Neste aspecto a imigração brasileira para a Europa é, inicialmente, um movimento social quando os indivíduos, para melhorar sua situação económica, social, cultural começam a agir e organizam-se em redes de entajuda, solidariedade e confiança, pautada em relações familiares ou religiosas. Porém, esta movimentação de trabalhadores corre o risco de perder a característica de ‘movimento social’ quando estes indivíduos chegam ao país de destino, pois para ali permanecer precisam ficar, supostamente, invisíveis. As suas estratégias costumam ser, no entanto, muito dinâmicas. Quando muito, são estratégias estritamente individuais e fechadas em torno de pequenos grupos, que não se organizam colectivamente para alterar as condições dos imigrantes como um todo. Observa-se que com mais ou menos tempo de migração, e encontrando maiores ou menores barreiras, ainda assim, a maior parte dos imigrantes consegue melhorar suas condições pessoais, auxiliar suas famílias no país de origem e, ainda, auxiliar parentes e amigos próximos a migrar.

Considerações finais

Quando estudamos um grupo de imigrantes não documentados precisamos levar em conta o que Santos (2002, p. 323) aponta

Viver na fronteira significa ter de inventar tudo, ou quase tudo, incluindo o próprio acto de inventar. Viver na fronteira significa converter o mundo numa questão pessoal, assumir uma espécie de responsabilidade pessoal que cria uma transparência total entre os actos e as suas consequências. Na fronteira, vive-se da sensação de estar a participar na criação de um novo mundo. As reservas de experiência e de memória que cada pessoa ou grupo social leva consigo para a situação da fronteira transformam-se profundamente quando aplicadas num contexto completamente novo, mas a liberdade quase incondicional com que são transformadas pela primeira vez condiciona a liberdade de futuras transformações. Ao fazerem escolhas sobre o tipo de comunidade em que pretendem viver, os emigrantes estão, assim, a reduzir o âmbito da liberdade de escolha que será posteriormente possível.

Esta reflexão convoca-nos a uma realidade pulsante e demonstrável. Só haverá hipótese de organizar-se um movimento de trabalhadores imigrantes não documentados se houver uma aproximação destes com sindicatos e investigadores sociais. Calavita (2004,p.363) aponta o apoio crescente que as confederações sindicais italianas tem dado a integração dos imigrantes e a crescente integração destes imigrantes nos sindicatos

O processo de estabilização é talvez o aspecto mais significativo da imigração na Itália nos anos 90. Deste modo, (...) os imigrantes estão integrados de forma

crescente na economia e têm cada vez maior probabilidade de possuir o estatuto de residente legal e de ter um emprego ‘regular’. A sua crescente sindicalização é indicativa desta estabilização (...). À medida que os imigrantes entram de forma crescente na economia dominante em Itália, poderíamos esperar que os sindicatos os vissem como um desafio competitivo aos trabalhadores sindicalizados. Exatamente ao contrário: os sindicatos têm apoiado as leis que contribuem para a legalização dos imigrantes e para a sua entrada na economia formal, onde se podem organizar. Esta atitude é talvez, em parte, o produto de considerações práticas e estratégicas (...) Tal como Watts (...) sugere, os sindicalistas sabem que os fluxos de imigração são difíceis de controlar e pouco prováveis de desaparecer, e optaram por dar as boas-vindas aos novos trabalhadores. Numa altura em que os sindicatos perdem terreno em todos os países capitalistas avançados, os sindicatos italianos vêem nestes imigrantes um recurso vital para a sua força futura (Calavita, 2004, p.360,363)

Ainda, Arendt (2004, p. 217) aponta que ‘só podemos escapar da responsabilidade política e estritamente coletiva abandonando a comunidade, e como nenhum homem pode viver sem pertencer a uma comunidade, isso significaria simplesmente trocar uma comunidade por outra’. Ainda, ‘apesar de pensarmos a responsabilidade coletiva como uma carga e até como um tipo de punição, acho que se pode mostrar que o preço pago pela não-responsabilidade coletiva é consideravelmente mais elevado’ (id., p. 218).

Assim, é preciso tomar opinião, fazer escolhas, sustentar argumentativa e cientificamente a reivindicação e a proposta, traduzir e compartilhar conhecimentos para revigorar os processos de organização social no âmbito das comunidades locais e revitalizar a participação comunitária, atendendo às necessidades dos trabalhadores historicamente excluídos e dos contemporaneamente invisíveis, os imigrantes não documentados. Estas ações poderão ainda ter suas consequências estendidas aos trabalhadores nacionais.

Não importa qual a cor, o sexo, a religião ou a nacionalidade de um sujeito, importa defender que todo e cada indivíduo tenha acesso, não mais ao trabalho, mas ao trabalho com condições dignas.

Referências

- ARENDDT, H. (2001) *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio D'Água.
- BAGANHA, M. e GÓIS, P. (1999) Migrações Internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos? In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº52/53, pp. 229-280.
- BAGANHA, M. e PEIXOTO, J. (1996) O Estudo das migrações nacionais: ponto de intersecção disciplinar. In J.M. Carvalho et al (eds) *Entre a Economia e a Sociologia*. Oeiras: Celta, pp.233-239.
- BERGER, P.L. e LUCKMANN, T. (1999) *A Construção Social da Realidade*. Lisboa: Dinalivro.
- BERNARDO, T. (1998). *Memória em Branco e Negro: Olhares sobre São Paulo*. São Paulo: Educ,Unesp.
- CALAVITA, K. (2004) Italy: economic realities, political fictions, and policy failures. In Cornelius. A., Tsuda, T., Martin, P.L., Hollifield, J.F., *Controlling Immigration – A Global Perspective*, 2ª ed. Stanford: Stanford University, pp. 345-380.
- CASA DO BRASIL DE LISBOA (2004) *A 2ª vaga de Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa. Casa do Brasil de Lisboa/Acime.
- CASTELLS, M. (1999) *A Sociedade em Rede. Vol. 1. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. São Paulo, Paz e Terra.
- CASTELLS, M. e PORTES, A. (1989) World underneath: the origins, dynamics and effects of the informal economy. In Castells, M., Portes, A e Benton, L (eds). *The Informal Economy: Studies in Advanced and Less Developed Countries*. The Johns Hopkins University Press, pp.11-37.
- CASTLES, S. (2005) *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios: dos Trabalhadores Convidados às Migrações Globais*. s.l., Fim de Século.
- CASTLES, S. e MILLER, M.J. (1998) *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. Londres: Macmillan
- COHEN, R. (2005) Globalização, migração internacional e cosmopolitismo quotidiano. In Barreto, A. (org) *Globalização e Migrações*. Lisboa: ICS.
- CORNELIUS, W. A. (2004) Spain: the uneasy transition from labor exporter to labor importer. In Cornelius. A., Tsuda, T., Martin, P.L., Hollifield, J.F., *Controlling Immigration – A Global Perspective*, 2ª ed. Stanford: Stanford University, pp. 412-413.
- ESTANQUE, E.(2005a) Trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo. In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 71. Coimbra: CES, no prelo.
- _____.(2005b) Análise de classes e desigualdades sociais em Portugal: em defesa da perspectiva compreensiva. *Oficina* nº 221: CES.
- _____. (2005c) A reinvenção do sindicalismo e os novos desafios emancipatórios: do despotismo local à mobilização global. In Santos B.S. (Org.), *Trabalhar o Mundo: os Caminhos do Novo Internacionalismo Operário*. Porto: Afrontamento.
- FELDMAN-BIANCO, B. (1996) Imigrantes portugueses imigrantes brasileiros. Globalização, antigos imaginários e (re) construções de identidade (uma comparação triangular). In: Projeto integrado: identidades: reconfigurações de cultura e política. Estudos de migrações transnacionais de população, signos e capitais. Campinas: Unicamp.
- GEERTZ, C. (1989) *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- HALBWACHS, M. (1935) *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris, Libraire Felix Alcan.
- HELLER, A. (2000) *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra.
- JANSEN, C. (1969) Some sociological aspects of migration. In Jackson, J.A. (Org), *Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 60-73.
- KING, R. e RIBAS, N. (2005) Migração internacional e globalização no Mediterrâneo: modelo do Sul da Europa. In Barreto, A. *Globalização e Migrações*. Lisboa: ICS.
- MACHADO, I. (2000) Exclusão anunciada: reflexões sobre a nova lei de imigração portuguesa. *Revista Temáticas*, ano 8, nº 15.
- _____. (2003) *Cárcere Público: Processos de Exotização entre Imigrantes Brasileiros no Porto, Portugal*. Campinas, SP.

- _____ (2004) Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação. *Revista de Antropologia*, vol. 47, no.1, pp.207-233.
- PADILLA, B. (2005) Redes sociais de los brasileiros recién llegados a Portugal: solidariedade étnica o empatia étnica? In *Socius Working Papers*, nº 2/2005. Lisboa: Socius.
- PAPASTERGIADIS, N. (2000) *The Turbulence of Migration. Globalization, Deterritorialization and Hybridity*. Cambridge: Polity Press.
- PEIXOTO, J. et al. (2005) *O Tráfico de Migrantes em Portugal: Perspectivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas*. Lisboa: Observatório da Imigração.
- PORTES, A. (1999) O Enclave Imigrante: teoria e exemplos empíricos. In Portes, A. (org), *Migrações Internacionais: Origens, Tipos e Modos de Incorporação*. Oeiras: Celta.
- _____ (2004) Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 69, Outubro.
- PORTES, A. e SASSEN, S. (1987) Making in underground: comparative material on the informal sector in Western market economics. *American Journal of Sociology*, vol 39, nº 1.
- SANTOS, B.S. (Org.) (2004) *Trabalhar o Mundo: os Caminhos do Novo Internacionalismo Operário*. Porto: Afrontamento.
- SANTOS, B.S. (Org.) (2002). *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Porto: Afrontamento.
- SANTOS, M.C. (2004) O migrante brasileiro e suas trajetórias geográficas. In *Anais do I Seminário de Investigadores e Estudantes Brasileiros em Portugal*. Coimbra: Apeb.
- _____ (2005) Novos rumos das migrações no Brasil. In *Actos del X Seminário de la Apec*. Barcelona: Apec.
- TÉCHIO, K. (2005a) Entre Apolo e Dionísio: brasileiros evangélicos na Costa da Caparica. In *Anais I Jornadas Internacionais Vestígios do Passado*. Barcelos: Agir.
- _____ (2005b) Um pequeno Brasil na Costa da Caparica: uma construção através da etnografia. In *Anais do I Congresso Internacional sobre Etnografia*. Póvoa do Varzim: Agir.
- _____ (2005c) Imagens de imigrantes brasileiros em Portugal. In *Anais do II SIEBRAP – Seminário de Investigadores e Estudantes Brasileiros em Portugal*. Porto: Brasup.
- _____ (2005d) Imigrantes brasileiros em Portugal: dos indocumentados aos ‘legais’: todo dia, tudo igual. In *Anais do I Congresso Internacional sobre a Imigração em Portugal e na União europeia*. Vila Real de Santo António: Agir.
- VELHO, G. (2003) *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- VERTOVEC, S. (2003) Migration and other modes of transnationalism. *International Migration Review*, 37, pp. 641-665.
- WEIL, S. (1996) *A Condição Operaria e Outros Estudos sobre a Opressão*. São Paulo: Paz e Terra.

Anexo 1

Ocupação / Profissão

0	NSD/ NQD
1	Empresário: micro, pequeno, médio
2	Profissionais com nível superior de escolaridade na área de saúde: médico, dentista, fisioterapeuta, psicólogo...
3	Profissionais ligados à área académica: professores, cientistas...
4	Profissionais com nível superior de escolaridade em outras áreas: engenheiro, físico, químico, advogado...
5	Profissionais de nível técnico: técnico em informática, técnico de eletrónica ou mecânica...
6	Profissionais ligados ao áudio visual e criação de moda: estilista, web designer, designer gráfico
7	Artistas: Cantor, fotógrafo, produtor, coreógrafo, diretor, ator, dublador, escritor
8	Profissionais ligados ao desporto: esportes profissionais e amadores - professores, técnicos, instrutores de artes marciais, capoeirista
9	Trabalhadores da área administrativa: secretária, recepcionista, telefonista, operador de telemarketing, auxiliar de escritório, administrativo
10	Trabalhadores ligados ao comércio: gerente de loja, vendedor, diretor de loja, representante comercial...
11	Trabalhadores ligados ao ramo de alimentação: garçon, cozinheiro, barman
12	Trabalhadores dos serviços de higiene, beleza e estética: cabeleireiro, manicure, massagista, esteticista, maquiador
13	Trabalhadores dos serviços domésticos/ limpeza/ segurança: faxineiro, baby sitter, empregada doméstica, jardineiro, passadeira, copeira, motorista particular, segurança
14	Trabalhadores ligados ao entretenimento: dançarina, prostituta, acompanhante, DJ, promotor de eventos (sem curso superior em relações públicas ou propaganda)
15	Trabalhadores na construção civil: encanador, serralheiro, pintor (parede), serviços gerais, pedreiro, azulejista, electricista, carpinteiro
16	Trabalhadores da indústria pesada: metalúrgico, mecânico, ferroviário, carvoeiro, torneiro mecânico, petroleiro, indústria do sal
17	Trabalhadores de ofício: marceneiro, funileiro, restaurador...
18	Trabalhadores ligados ao setor primário: agricultor, pescador, apicultor
19	Trabalhadores de outras profissões sem qualificação: carregador...
20	Trabalhadores ligados às áreas militar e bélica: exército, aeronáutica, marinha (independente de patente ou hierarquia)
21	Desempregados
22	Estudantes e estagiários
23	Aposentados e pensionistas
24	Outras pessoas sem actividade económica

NOTA:

Critérios utilizados na classificação:

- ligação ao mercado de trabalho (activos e não activos)
- grau de qualificação (elevada, média, baixa)
- posse de propriedade (empresários e não empresários)
- sector de actividade (serviços, indústria, agricultura e actividade militar)

Anexo 2

Razões de ter saído do Brasil

1	Insatisfação e perda de perspectiva: insatisfeito com algum aspecto económico, político, social, segurança ou pessoal; perda de perspectiva salarial, profissional (desemprego); sentimental e de vida
2	Migração familiar: migração do pai, filho, parentes próximos ou responsáveis, cônjuge, noivo, namorado
3	Ganhar dinheiro/ Ganhar mais dinheiro: necessidade de ganho rápido de dinheiro/ Pagamento de dívidas/ Pagamento de estudos pessoais ou de parentes próximos/ Perspectiva de uma vida financeira melhor
4	Estudos: Mestrado/ Doutorado/ Pós Graduação/ Curso Técnico ou Profissional
5	Motivos profissionais: expatriado ou foi contratado no Brasil por empresa estrangeira
6	Curiosidade em conhecer outro país/ cultura/ idioma/ ampliar horizontes/ viver novas experiências
7	Rede social: veio porque sabia de experiências bem sucedidas/ trazido por amigos, conhecidos
8	Já conhecia a língua/ o país
9	Migração "involuntária": deportado (ia para um país mas foi deportado para outro) / refugiado político/ foragido da polícia
10	Casou-se com cidadão local
11	Tratamento médico